

JERÓNIMO CARDOSO E O HUMOR DOS HUMANISTAS

Telmo Corujo dos Reis
University of Madeira, Portugal

Abstract

Hieronymus Cardosus [*Jerónimo Cardoso*], a Portuguese Humanist born in Lamego, seems to reveal in his writings, published between 1550 and 1564, a subtle sense of humour, despite his allegedly lack of it as a conventional and traditional Humanist. Borrowing from sacred and profane writings, the present study aims at first to ground his contentions at his time and in the academic context of the University of Lisbon. Then, drawing on some excerpts from his *Oratio pro Rostris* and his letters, this paper brings to the fore that Hieronymus Cardosus – along with other Humanists at his time – not only did have a good sense of humour but could also play a practical joke. Hence, and given the arguments at stake, the concepts “humour” and laughter, as perceived by Humanists, shall be briefly disambiguated without overlooking the classical tradition.

Key Words: Hieronymus Cardosus; Humour; Humanist; University of Lisbon; Lodouicus Pyrrhus.

Tomando como mote o título da presente sessão e antes de passar à abordagem do seu assunto propriamente dito, convém talvez recordar que os nomes «humor» e «humanista», apesar das aparentes semelhanças, pertencem a famílias etimológicas completamente diferentes e que, de certa forma, esse afastamento corresponde, de facto, (certamente por razões muito diferentes) a um certo distanciamento dos humanistas em relação ao humor, tal como hoje o entendemos.

O nome «humanista», em português, deriva do francês *humaniste* e está muito próximo de «humanismo», vocábulo que designa o conjunto de doutrinas dos sábios da Renascença que tomavam, como a mais alta manifestação do génio humano, os monumentos literários da Antiguidade. Este termo define todo um «movimento espiritual de simpatia, atenção estudiosa, imitação que chegou a ser servil, que tem como objecto as formas de Arte, Literatura e Filosofia da Antiguidade greco-latina». Como antepassada de ambas encontramos o latim *humanitas*, vocábulo de sentido complexo que se poderá definir, de um modo muito singelo, como o conjunto de características que tornam o homem digno desse nome, como sejam a boa educação, a distinção, a cultura literária e a cultura geral do espírito. Cícero e Varrão utilizaram-na para verter, em latim, toda a complexa carga semântica correspondente ao conceito grego de *paideia*.

Quanto ao termo «humor», este procede do latim *humor* (ou *umor*) e define qualquer espécie de líquido (água, vinho, lágrimas, sangue, etc.), em particular, os humores do corpo humano. Estes humores, na sua diversidade, segundo a velha doutrina dos médicos humoristas, estariam na origem dos principais fenómenos da vida.

Segundo escreve Georges Minois (2003:304), para Ben Jonson, dramaturgo da transição dos sécs. XVI para XVII, «o predomínio de determinado humor em um indivíduo confere-lhe uma excentricidade, uma bizarrice de carácter nitidamente cómico. Se o indivíduo em questão toma consciência dessa originalidade e usa-a diante das dificuldades da vida, o “humor” (no sentido fisiológico do termo) transforma-se em humor no sentido moderno do termo» (ênfase do autor). Pode dar-se como exemplo a personagem de Cervantes do Dom Quixote, cuja excentricidade é claramente um «humor».

Estabelecidas as fronteiras entre estes dois termos, avancemos para o riso. No tempo em que Jerónimo Cardoso viveu (c.1508-c.1569), este gesto, que se acredita ser próprio do ser humano, esbarra com a repressão das autoridades tanto religiosas quanto civis. Neste tempo, para usar a expressão do já citado Georges Minois (2003: 317), «O riso torna-se suspeito. Se não se pode negar que ele seja próprio do homem, então ele é a marca do homem decaído».

Por este tempo, a Europa (isto é, a cultura ocidental) sentiu a necessidade de afirmar a sua seriedade, a necessidade de restaurar todo um *statu quo* ameaçado pelas Descobertas e pelas Reformas. Neste contexto, o riso não podia deixar de ser interpretado como um sinal de desordem, de caos e contestação. As bases de um mundo estável e regenerado não podiam, de modo algum, tomar por fundamento o riso. Era, pois, tempo de o silenciar.

Ao encontro da necessidade presente vinha toda uma tradição que mergulhava as suas origens num passado remoto, passado esse documentado por autores tanto pagãos como cristãos.

Estes fundavam-se em palavras do *Eclesiástico*, do Antigo Testamento, onde inequivocamente se afirmava que «o tolo exalta as suas palavras com o riso» (na Vulgata «Fatuus in risu inaltat uocem suam», 21, 20; in Tosi 2000:187). Séculos antes, São Bento, para sempre banindo o riso dos mosteiros, deixara como regra aos seus monges que, qualquer um deles, atingiria «o décimo grau de humildade se não estive[sse] sempre pronto a rir, porque está escrito: “o tolo gargalha”» (Tosi 2000:187).

Por outro lado, já entre os autores pagãos se encontravam indícios claros de uma censura contra o riso. Assim, para o comediógrafo grego Menandro (p.187), «o riso inoportuno nos homens é um mal terrível» (ou, com ligeira variação, «o riso inoportuno faz chorar», *Monósticos*, 144). O mesmo autor da *nea* afirma, num outro lugar (p.187) que «o tolo ri até quando não há nada do que rir» (*Monósticos*, 165). Catulo, poeta romano do séc. I a. C., escrevera, a propósito de um certo Egnácio, que se estava sempre a rir, que (p.187) «nada é mais inoportuno que o riso inoportuno» (em lat.: «Risus inepto res ineptior nulla est» 39, 15). Esta carga negativa atribuída ao riso acaba por fixar-se num adágio famoso: «Risus abundat in

ore stultorum» (ou, em versão, «o riso é abundante na boca dos tolos»), adágio que corresponde ao provérbio português «muito riso é sinal de pouco siso» (p.187).

Fosse pelo peso de uma tradição mais do que milenar, fosse pela austeridade e contenção que os tempos impunham, certo é que uma leitura apressada dos escritos remanescentes de Jerónimo Cardoso, um dos mais notáveis humanistas portugueses de Quinhentos, poderia levar à desconsolada conclusão de que ele não tinha sentido de humor.

Efectivamente, quem ler a sua prosa e a sua poesia na vã busca de escritos apimentados nada encontrará, a não ser o conteúdo, mais obsceno do que propriamente humorístico, dos epigramas que acompanham, como *testimonia*, o magnífico poema que o humanista de Lamego intitulou *Libellus de Terraemotu* e que saiu impresso no ano de 1550. Esses epigramas, em dísticos elegíacos, entroncam na melhor tradição clássica, na esteira de Catulo ou de Marcial, e o apimentado dos seus versos, de uma obscenidade tal que se não pode aqui referir, tanto é susceptível de provocar o rubor como o riso. Mas esses epigramas nem sequer são de Jerónimo Cardoso, antes brotaram do génio e da amizade de Pedro Sanches, fidalgo castelhano que veio para Portugal no séquito da rainha D. Catarina, mulher de D. João III.

É claro que buscamos o humor deste humanista nas obras que ele, superando toda uma extensa série de obstáculos, conseguiu fazer imprimir e que conseguiram sobreviver à passagem do tempo deletério, do *tempus edax rerum*, como Ovídio lhe chama. Nada nos garante que ele, na sua intimidade, não fosse dotado de sentido de humor.

Uma leitura mais cuidada dos seus escritos, porém, revela-nos que Jerónimo Cardoso, pelo contrário, tinha um fino sentido de humor e sabia fazer dele um bom uso. Assim, num dos seus textos mais importantes, Jerónimo Cardoso incluiu algumas palavras que, se tomarmos em linha de conta o contexto em que foram pronunciadas, nos revelam o seu humor e a intenção de, pelo menos, fazer aflorar um sorriso aos lábios dos seus ouvintes.

Falamos do discurso inaugural do ano lectivo de 1536/37 na Universidade de Lisboa, texto que veio a lume em 1550, juntamente com o já citado *Libellus de Terraemotu*, e que tem o extenso título de *Oratio pro rostris, habita Kalendis Octobribus, Olisiponensi Academia, de laudibus omnium disciplinarum, anno tricesimo sexto, supra sesquimillesimum*. Nele, seguindo a prática oratória do tempo, Jerónimo Cardoso deveria elogiar as diferentes disciplinas que eram objecto de leccionação na Universidade de Lisboa, bem como os respectivos professores. Como ele escreve, na abertura do mesmo discurso:

Eia pois! Dado que nós vimos na intenção de dissertar acerca das próprias letras, preparemo-nos e desvendemos, por assim dizer, os próprio berços de todas as disciplinas, cujos santuários, bem se vê, reverenciamos, e dissertemos sobre que mortais, com inflamado zelo e cuidado, primeiramente se empenharam no seu aperfeiçoamento e na expansão do seu domínio, [...].

Mas logo nesse momento vemos aflorar uma nota humorística:

[...] todavia de um modo conciso, para que não acabe por acontecer algo de semelhante ao que Plutarco escreve que aconteceu aos emissários dos habitantes de Samos, a quem, tendo feito uso de uma extensa oração, os Espartiatas responderam que se tinham esquecido do princípio e que não tinham compreendido o fim, porque se lhes tinha escapado da memória o princípio. (tradução nossa¹, 2006:43)

Convém lembrar que, nesse ano de 1536, o ambiente na Universidade era extremamente tenso e que esta vivia momentos dramáticos, pois, contra a vontade de muitos, D. João III decidira transferi-la de Lisboa para Coimbra. As aulas funcionaram apenas até Março, iniciando-se a transferência logo de seguida. Foi certamente este clima de instabilidade que levou os responsáveis a delegar a tarefa de pronunciar o discurso inaugural, que normalmente caberia ao lente da cadeira de Prima de Teologia, numa pessoa que, tendo embora méritos reconhecidos, não pertencia ao corpo docente dessa instituição. Jerónimo Cardoso, natural de Lamego, bacharel em Leis pela Universidade de Salamanca e mestre de gramática latina, não chegou nunca a ser professor da Universidade.

Discorrendo sobre as origens, mais míticas do que históricas, das várias disciplinas que então eram leccionadas, Jerónimo Cardoso não deixa de fazer uso do seu bom humor, dele se servindo para quebrar a monotonia de um tão extenso discurso.

Deste modo, ao ocupar-se do elogio da Gramática, ciência que engloba a Retórica e a Poética, afirma que, apenas por intermédio dela se pode, e cito, «revelar o único acesso às mais elevadas e de longe mais afortunadas ciências. Por isso se devem dar menos ouvidos a uns certos sabiozitos e, por assim dizer, uns gramaticastros verrugosos, para quem é mais agradável cheirar urtigas do que manjeronas e não sabem distinguir o pão de farinha do de farelo [...]». Logo depois, dirigindo-se aos responsáveis por aquela instituição, não deixa de os exortar nos seguintes termos: «Esforçai-vos para que os estudos das Humanidades, desprezados por estes sujeitos narigudos, resplandeçam com a vossa aplicação e cuidado» [tradução nossa, 2006:48].

Ora o nariz, na literatura latina, aparece frequentemente associado ao desprezo e ao ridículo. Testemunhos disso encontramos em autores como Horácio, Pérsio e Plínio-o-Antigo. Tais palavras não podiam deixar de suscitar, senão o riso, pelo menos um sorriso na assembleia.

Este motivo ocorre ainda em dois outros textos integrados na obra de Cardoso. Um é a carta com que António Salgueiro, também ele mestre de

¹ Para uma mais fácil compreensão das citações de Jerónimo Cardoso, as mesmas constarão apenas na sua versão portuguesa (Telmo Corujo dos Reis, *Contributo para a História do Humanismo em Portugal – Poesia, Epistolografia e Oratória de Jerónimo Cardoso*, Funchal, 2006, dissertação não publicada).

Humanidades, exorta Jerónimo Cardoso à publicação de um volume de correspondência que este lhe deu a ler:

Saia desse esconderijo, digo eu, que saia enfim, que te dê gosto enriquecer o património literário e a província do Latim com os frutos do teu talento, que deixes de lado esses rinocerontes invejosos e narigudos que, à semelhança das mulas estéreis, não conseguem suportar a fertilidade e as crias alheias. (tradução nossa, 2006:79)

O outro é uma carta de Jerónimo Cardoso a Cristóvão Nunes, revisor da Imprensa da Universidade e lente de uma cadeira de Gramática no Colégio das Artes, em Coimbra, por meados da década de 1550, em que o humanista de Lamego, recorrendo a estas mesmas imagens (posto que sem a referência metafórica ao rinoceronte), se exprime em termos muito semelhantes, embora ainda mais expressivos²:

Realmente, quanto ao facto de tu tão amigável e afectuosamente me exortares à publicação das minhas vigílias, teria sem dúvida feito precisamente isto há já muito tempo, se me não desviassem muitíssimo de tal empresa as seguintes coisas: em primeiro lugar, para não fornecer um pretexto de riso a alguns zombadores e narigudozitos, os quais, já que, estéreis por natureza à semelhança da mula, nunca são capazes de dar à luz absolutamente nada, ainda que finjam estar com as dores do parto, suportam com dificuldade a fertilidade dos outros [...] (tradução nossa, 2006:210)

Notemos, de passagem, que, pelo seu diferente contexto, o efeito produzido pela mesma imagem difere substancialmente, consoante se trate da oração de sapiência ou das cartas. Assim, se nestas a tónica incide exclusivamente sobre o desprezo, não havendo por isso, na amarga constatação, lugar para o humor, já naquela os dois sentimentos coexistem, prevalecendo o desprezo nas palavras de Cardoso e aflorando a nota humorística, em virtude da sua leitura pública perante uma assembleia maioritariamente juvenil.

Já perto do termo da *Oratio*, após as exortações finais à juventude universitária, Jerónimo Cardoso recorre mais uma vez ao escárnio, a que não é alheia uma boa dose de humor:

Temo, porém, que todas estas palavras se percam para os preguiçosos e desleixados, para quem é agradável estar sempre de férias e que se ficam sentados de braços cruzados e na ociosidade, a que se entregam, contraem a lassidão, dado que, propícios à gula e porcos da vara de Epicuro, por nenhuma outra coisa se interessam mais do que por apascentar as suas barrigas, de quem são escravos. Na verdade, em relação aos cuidados do corpo, não se pode imaginar nada mais preocupado. Basta que, como eles

² Trata-se da carta n.º 64 do *Epistularum Familiarium Libellus* de Jerónimo Cardoso. A anterior tem nessa colectânea o n.º 2.

próprios repetem, se mostrem à multidão nédios e cevados e de pele bem cuidada. (tradução nossa, 2006:70)

Pode, pois, verificar-se como, em vários pontos de uma solene oração de sapiência, o Humanista recorre, ainda que de forma contida e subtil, ao humor, utilizando-o com uma intenção pedagógica.

Mas o seu humor não se esgota nestes exemplos. Numa carta ao protonotário Manuel de Aguiar³, seu antigo aluno, que, depois de um longo período de silêncio, lhe escrevera, dizendo-lhe que se aplicava em simultâneo ao estudo do Latim e do Grego, Jerónimo Cardoso responde:

Mas que tu estudes Grego, Retórica e de passagem te apliques à língua latina, não me agrada absolutamente nada. Terás, de facto, estado em condições de sorver e de soprar e de mastigar, ao que dizem, as mesmas obras ao mesmo tempo? Se na verdade os nossos espíritos, como diz um satírico, não toleram dois cuidados, três menos ainda!

E conclui:

Assim, por meu conselho, exercitar-te-ás no ginásio do Latim, até que sejas merecedor do título de atleta fortíssimo, patra evitar que sejas não só mau Grego como ainda mau Latino, enquanto te esforças por te fazer aprovar como um e como outro, à imagem do morcego que, dado que deseja mostrar-se como ave e como rato, do mesmo modo acontece que não é considerado nem uma coisa nem outra. Adeus. (tradução nossa, 2006:98)

Mas o melhor exemplo do fino sentido de humor dos humanistas revela-se-nos, numa carta escrita pelo médico Luís Pires em resposta a um bilhete de Jerónimo Cardoso. Luís Pires inicia essa carta agradecendo os elogios que, com farta mão, a seu respeito Jerónimo Cardoso teceu no citado bilhete. Para ele, eram «maravilhas [...] acerca de uma lentilha» [tradução nossa, 2006:153]. Depois de equacionar o real peso a atribuir a tais encómios, nisso gastando boa dose de linhas, Luís Pires passa, enfim, ao que Jerónimo Cardoso estaria desejoso de ouvir. Escreve Pires que, enquanto estava entretido com a leitura daquela carta, o seu irmão, Manuel Pires, começa a rir e a troçar, dizendo-lhe que aquela carta não estava escrita em prosa, mas em verso. Respondia-lhe Luís Pires que não, que se tratava de bela prosa latina, e fazia troça das manias e da imaginação do irmão. Pela segunda vez Manuel Pires lhe diz que aquele bilhete era verso disfarçado de prosa e, enquanto, por entre berros, o desacordo dos irmãos se arrasta, os olhos de Luís Pires chegaram ao termo da missiva e não pôde deixar de reconhecer uma sequência métrica correspondente ao fim de um verso latino.

Escutemos as suas palavras:

³ Trata-se da carta n.º 11 do epistolário de Jerónimo Cardoso.

A que ponto realmente eu então me injurei a mim, a que ponto à minha vida, que depois tinha que viver, como aquele que, com uma tal impunidade, fosse objecto de zombaria por parte de todos. Cobri de imprecações, além disso, esse meu carácter abrutado, a minha capacidade crítica e, enfim, todo o meu ser, porque, com tamanha infelicidade, tudo, com excepção do meu desejo, me acontecia. E havia uma razão que me atormentava de um modo extraordinário, é que já uma vez tu me tinhas armado uma semelhante esparrela, e semelhante àquela também o meu caro Pedro Sanches, semelhante, enfim, o ilustre Teive, homem sem dúvida de longe o mais afortunado para este género de partidas. (tradução nossa, 2006:154)

O médico Luís Pires era, assim, vítima da mesma partida pela terceira vez. Já antes Pedro Sanches e um Teive (muito provavelmente Baltasar de Teive) o tinham ludibriado da mesma forma.

Os períodos finais da carta em questão ocupa-os Luís Pires com os elogios à arte com que Jerónimo Cardoso tinha conseguido compor aqueles versos dando às palavras o tom da prosa, mas fazendo-as corresponder aos pés dos versos latinos:

Aliás, se tu com calma examinares o próprio factó, não há razão nenhuma para que eu deva ser objecto de mofa nem sequer em parte alguma. Com efeito tu redigiste a carta com uma arte tal que sem esforço convencerias até Cícero, o próprio Fábio, de que se tratava de prosa. Realmente, de tal forma o encadeamento da expressão, até a composição do fim de frase se conformavam, em tudo, com um tom de livre conversação, que eu não experimentaria escandir os versos, pretenderia jurar com certeza que de prosa se tratava e tê-lo-ia como certo ainda agora. (tradução nossa, 2006:154)

Infelizmente, o bilhete de Jerónimo Cardoso não se encontra entre os textos que ainda se conservam. Também das partidas de Pedro Sanches e do Teive outro vestígio não ficou, para além da notícia de que um dia existiram.

Estes exemplos bastariam para nos demonstrar que, assumindo embora o grave papel de um austero mestre de Humanidades, Jerónimo Cardoso não era, de modo algum, desprovido de sentido de humor, o que aliás se coaduna com alguém que esteve, durante toda a vida, em estreito contacto com a juventude.

De quantas mais partidas se pregaram, de quantas mais graças se disseram não ficou rasto algum. Sobre tudo o mais o tempo, o *tempus edax rerum* de Ovídio, se encarregou de fazer descer o silêncio do esquecimento.

References

Minois, G. (2003). *História do riso e do escárnio* (M.E.O. Ortiz, Trans.). Assumpção. São Paulo: Editora Unesp.

Reis, T.C. (2006). *Contributo para a história do humanismo em Portugal – Poesia, epistolografia e oratória de Jerónimo Cardoso*. Dissertação de Doutoramento. Funchal: Universidade da Madeira.

Tosi, R. (2000). *Dicionário de sentenças latinas e gregas*. (I.C. Benedetti, Trans.). São Paulo: Martins Fontes.